

GT - 15: Práticas culturais na produção da cidade

PARA OGUM DANÇAR: A RELAÇÃO AFRODIASPÓRICA ENTRE A LINHA FÉRREA E OS TRABALHADORES SOB O URBANISMO DESIGUAL

Autor(01): Eduarda Moreno da Silva

Filiação institucional: PPGEIO - UERJ

E-mail: eduardamoreno99@gmail.com

RESUMO:

O artigo "Para Ogum Dançar: A Relação Afro-Diaspórica entre a Linha Férrea e os Trabalhadores sob o Urbanismo Desigual" explora como a expansão da infraestrutura ferroviária no Brasil impactou as periferias afro-diaspóricas, revelando interações complexas entre trabalho, identidade cultural e urbanismo desigual. A análise destaca como as ferrovias, enquanto catalisadoras da modernização, contribuíram para a construção urbana fluminense. A partir da figura de Ogum, orixá das estradas e da luta, como um símbolo de resistência, o artigo investiga como as práticas culturais servem como formas de existências e afirmação das identidades afro-diaspóricas. A utopia da alegria, é apresentada como uma estratégia de afirmação cultural e social frente às adversidades impostas pelo urbanismo desigual.

PALAVRAS CHAVES: DIÁSPORA - OGUM - URBANISMO - DESIGUAL - CULTURA

1.INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda especialmente a afrodiáspora — o deslocamento forçado realizado no eixo África-Brasil que ecoa em nossos ouvidos e permanece viva em nossos corações em pleno século XXI. Entretanto, não através dos gritos de dor e lamento narrados em livros de história, mas com palavras de sabedoria entoadas pela sinfonia dos atabaques. A dimensão espacial da diáspora

é complexa e carregada de símbolos. “O conceito geográfico de diáspora tem a ver com a referência de dispersão de uma população e das suas matrizes culturais e tecnológicas” (Anjos, 2011, p. 263). Por meio do atravessamento do Atlântico, consolidou-se e, através dela, há uma encruzilhada do tempo que conduz os corpos à construção de narrativas contemporâneas afrocentradas.

Nesse contexto, a relação entre a linha férrea e os trabalhadores afro-diaspóricos revela complexas interações entre infraestrutura, trabalho e identidade cultural. O impacto da ferrovia na vida das comunidades afro-diaspóricas se manifesta na forma como a infraestrutura ferroviária moldou e, muitas vezes, agravou as condições de trabalho e moradia dessas comunidades. O traçado das linhas férreas não apenas facilitou o transporte e a movimentação de mercadorias, mas também determinou a configuração das áreas urbanas, frequentemente relegando as comunidades afro-diaspóricas a zonas periféricas e marginalizadas.

A presença simbólica de Ogum, orixá associado às estradas e à luta, oferece uma lente única para compreender essa relação. Ogum, como figura protetora dos trabalhadores e das vias de transporte, simboliza a resistência e a força necessária para enfrentar as adversidades impostas pelo urbanismo desigual. Para as comunidades afro-diaspóricas, as práticas culturais e rituais em honra a Ogum se tornam uma forma de afirmar identidade e construir resistência diante das condições desfavoráveis.

Pensar a utopia da alegria a partir do que Sodré nos propõe em *O terreiro e a Cidade* (2002) destaca como os terreiros de candomblé, enquanto espaços de resistência cultural, oferecem uma forma de vida que transcende as limitações impostas pela infraestrutura urbana. A alegria e a celebração se tornam um ato de existência e resistência que transforma a adversidade em uma oportunidade para a afirmação cultural e a construção de uma identidade vibrante.

Portanto, a relação entre a linha férrea e os trabalhadores afro-diaspóricos, aliada à presença simbólica de Ogum e à utopia da alegria, revela uma profunda interconexão entre infraestrutura,

trabalho e identidade cultural. A ferrovia, enquanto símbolo de modernização interage com práticas culturais que afirmam a identidade e a vitalidade das comunidades afro-diaspóricas. A presença de Ogum, a celebração da espiritualidade e a construção de narrativas afrocentradas são expressões de uma resistência cultural que continua a moldar a vida urbana e a enfrentar os desafios do urbanismo desigual.

Abre caminhos: a construção da via férrea no Rio de Janeiro

*“Se meu pai é Ogum
Vencedor de demandas
Ele vem de Aruanda
É pra salvar filho de Umbanda...”*

A construção da via férrea no Rio de Janeiro representa um dos marcos mais significativos na transformação da paisagem urbana da cidade, especialmente no final do século XIX e início do século XX. É possível observar que este processo não apenas alterou a configuração geográfica e econômica do Rio de Janeiro, mas também desempenhou um papel crucial no desenvolvimento social e cultural da cidade. A partir da elucidação realizada por Milton Santos em *A Natureza do Espaço* (1994), a construção de infraestruturas como ferrovias é um elemento central na configuração e na (re)configuração do espaço urbano, refletindo e influenciando as dinâmicas sociais e econômicas de uma cidade.

No final do século XIX, no contexto pós-abolição do processo de escravização, o Rio de Janeiro enfrentou alguns desafios urbanos. As leis abolicionistas representam marcos cruciais no recém-processo de escravização da população negra. Tais medidas tiveram profundos impactos tanto nos espaços rurais quanto urbanos, desencadeando transformações significativas na sociedade e na dinâmica social. A partir da ocupação da população no território, a necessidade de um sistema de transporte eficiente e que conectam as diferentes regiões com o centro urbano tornou-se evidente. Foi nesse contexto que a construção da via férrea surgiu como uma solução promissora.

O projeto da ferrovia no Rio de Janeiro foi inicialmente impulsionado pela necessidade de integrar o Porto ao interior do estado, facilitando o escoamento de produtos e a movimentação de pessoas. Em 1858, com a inauguração da primeira linha férrea que ligava o Rio de Janeiro à cidade de Petrópolis, a paisagem urbana da cidade começou a mudar de maneira significativa. A construção dessa linha não apenas facilitou o transporte de mercadorias, como também teve um impacto direto no crescimento das áreas urbanas e no desenvolvimento de novos bairros.

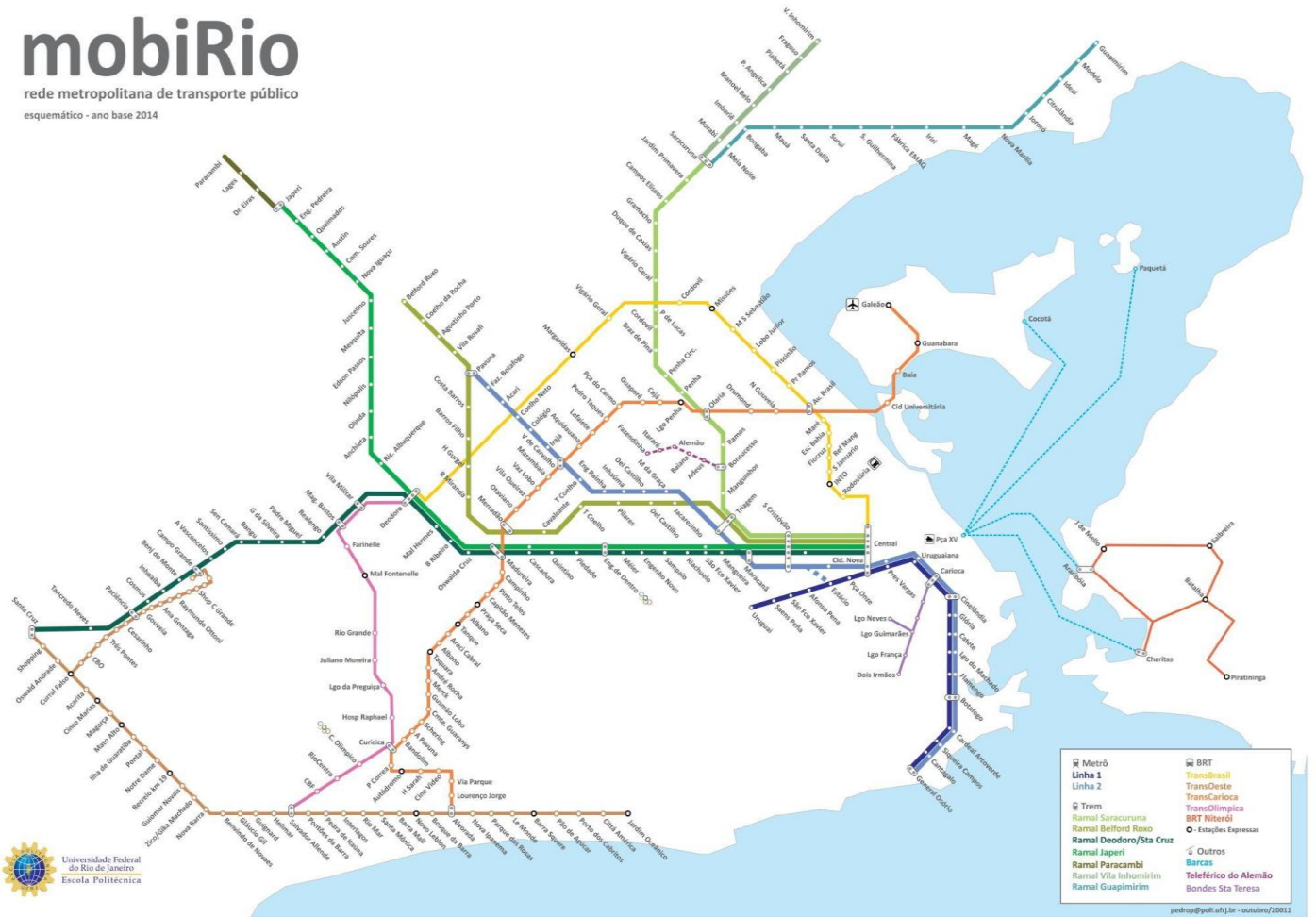
Como destacado por Santos (1994), a ferrovia não foi apenas um meio de transporte, mas um elemento de transformação espacial. A construção da ferrovia modifica a percepção e o uso do espaço, alterando as relações entre o centro e as periferias, e influenciando profundamente o desenvolvimento econômico e social das regiões afetadas (Santos, 1994). A introdução da ferrovia trouxe benefícios econômicos substanciais. O transporte mais rápido e eficiente de produtos agrícolas e minerais contribuiu para o crescimento da economia local e ajudou a integrar o Rio de Janeiro ao resto do Brasil e até ao mercado internacional. Além disso, a ferrovia estimulou o desenvolvimento de novas indústrias e o surgimento de zonas comerciais ao longo das linhas, transformando a estrutura urbana da cidade.

No entanto, a construção da via férrea também teve seus desafios e impactos negativos. A ocupação de terrenos para a construção das linhas e estações muitas vezes levou à remoção de comunidades inteiras e à mudança de seus residentes. O processo de urbanização gerado pela ferrovia trouxe consigo questões de desigualdade e deslocamento, que moldaram a configuração socioeconômica da cidade.

Outro aspecto importante foi a influência da ferrovia na configuração urbana. As linhas férreas se tornaram eixos de desenvolvimento, e as áreas ao redor das estações cresceram rapidamente. O plano urbano do Rio de Janeiro foi ajustado para acomodar essa nova realidade, e a infraestrutura da cidade foi redesenhada para maximizar a eficiência do transporte ferroviário.

mobiRio

rede metropolitana de transporte público
esquemático - ano base 2014



FONTE: Mapa Rio Metropolitano de Transportes, OUTUBRO, 2011.

Atualmente, o estado do Rio de Janeiro é composto por uma rede ferroviária de 104 estações em 12 cidades incluindo o Rio de Janeiro.

Ao analisarmos o mapa atual da rede ferroviária do Rio de Janeiro, é possível observarmos como as linhas férreas historicamente estabelecidas ainda desempenham um papel crucial na infraestrutura da cidade. Muitas das rotas que foram inauguradas no século XIX e início do século XX formam a espinha dorsal da rede atual, evidenciando a durabilidade e a importância contínua da ferrovia na mobilidade urbana. Por exemplo, a Linha Ferroviária de Leopoldina e a Linha do Subúrbio, ambas com origens históricas, ainda são fundamentais no transporte de passageiros e mercadorias, conectando diferentes zonas da cidade e mantendo a função que inicialmente tiveram de integração regional.

Assim, as linhas férreas do Rio de Janeiro têm um valor geográfico, histórico e cultural significativo. Do ponto de vista dos trabalhadores, elas servem como testemunho das transformações urbanas e econômicas que moldaram a cidade e um dos principais modais de deslocamento pendular na metrópole fluminense. Além disso, é um lembrete do papel elementar que o transporte público desempenha na integração das comunidades.

Onde o mar não encontra Ogum: a periferia em contexto

*“Foi na beira do mar
Que eu vi Ogum guerrear
Ele jurou bandeira
Ele tocou clarim
Com seu exército branco
Ele lutou por mim.”*

No século XIX e início do século XX, a construção de ferrovias desempenhou um papel central na modernização das cidades, mas não sem custos sociais significativos. Ana Fani, em "Urbanização e Desigualdade Social" (2013), afirma que, no Brasil, a construção de ferrovias também teve um impacto devastador sobre comunidades periféricas, resultando em uma intensificação da segregação espacial e social.

Milton Santos, em "A Urbanização Brasileira" (2000), destaca como a expansão ferroviária contribuiu para a criação de uma urbanização desigual, onde as áreas afetadas por essas construções eram predominantemente ocupadas por trabalhadores e comunidades marginalizadas.

O impacto dessas obras, incluindo o deslocamento forçado e a deterioração das condições de vida, foi sentido com especial intensidade pela população afro-diaspórica brasileira.

Para uma reflexão sobre as periferias, podemos pensá-las a partir da ótica das epistemologias periféricas, que podem ser entendidas como:

“Essa epistemologia periférica se estrutura também a partir de uma vivência urbana, sendo produzida por sujeitas e sujeitos periféricos que se locomovem em transportes públicos. Induzidos a circular pela cidade, dado que em seus bairros de moradia há escassez de equipamentos, tais sujeitas e sujeitos cognoscentes percorrem diversas periferias, centralidades e bairros ricos. Desse modo, possuem uma visão mais alargada que os sujeitos cognoscentes cuja proximidade da tríade moradia-trabalho-lazer fez diminuir seus percursos pela urbe.” (Tiaruju, 2020)

Podemos pensar as periferias como territórios de complexidade e contradição, onde se materializam as desigualdades urbanas e se produzem formas singulares de sociabilidade e resistência. Este entendimento reflete a realidade das áreas periféricas como locais de tensão entre a exclusão e a resiliência, onde o afastamento do centro urbano acarreta não apenas limitações econômicas, mas também a construção de identidades próprias e modos de vida adaptativos.

As áreas periféricas do Rio de Janeiro, por exemplo, são marcadas por uma dualidade distinta. De um lado, enfrentam desafios como a falta de infraestrutura adequada, acesso limitado a serviços públicos e altos índices de vulnerabilidade social. Por outro lado, essas áreas também são locais de intensa criatividade cultural e solidariedade comunitária. As práticas culturais, a organização comunitária e as formas de mobilização social nas periferias são respostas diretas às condições adversas e revelam a capacidade de adaptação e resistência das populações que nela habitam.

Além disso, a geografia da periferia revela a interconexão entre espaço e sociedade. As periferias frequentemente são construídas a partir de processos históricos de exclusão e desigualdade, mas também são moldadas por iniciativas locais e formas de organização que desafiam essas condições.

A partir da conceituação proposta por Barbosa (2013), podemos pensar as periferias como territórios de complexidade e contradição, onde se materializam as desigualdades urbanas e se produzem formas singulares de sociabilidade e resistência. A provocação nos permite o entendimento sobre a realidade das áreas periféricas como locais de tensão entre a exclusão como margem e a (re) invenção e desestabilização do centro, em que podemos observar o afastamento do centro urbano não apenas como limitações econômicas, mas também a construção de identidades próprias e uma outra forma de vida.

As áreas periféricas do Rio de Janeiro, por exemplo, são marcadas por uma dualidade distinta. De um lado, enfrentam desafios como a falta de infraestrutura adequada, acesso limitado a serviços públicos e altos índices de vulnerabilidade social. Por outro lado, essas áreas também são locais de intensa atividade cultural, redes econômicas. As práticas culturais, a organização comunitária e as formas de mobilização social nas periferias são respostas diretas às condições adversas e revelam a capacidade de adaptação e resistência das populações que nela habitam.

A expressão "Onde o mar não encontra Ogum" pode ser interpretada como uma metáfora para a exclusão e o distanciamento das periferias em relação ao centro urbano e aos seus privilégios sobretudo à zona Sul do Rio de Janeiro, onde estão concentradas as praias na cidade. O mar, simbolizando a fluidez e a riqueza associadas ao centro, encontra dificuldades em alcançar Ogum, uma figura de resistência e luta, representa as comunidades periféricas que, apesar da marginalização, mantêm sua força e identidade.

Ogum é uma figura central no panteão afro-brasileiro, representando o ferro, a tecnologia e a força de trabalho. Ele é conhecido como o orixá da guerra e do trabalho, uma divindade que protege e guia aqueles que enfrentam as adversidades com coragem e habilidade. O mar, com sua imensidão e complexidade, é um local onde Ogum exerce sua influência de maneira particular. Em seu livro, Prandi afirma que "Ogum é o patrono dos trabalhadores e dos artesãos, aqueles que utilizam o ferro para transformar o mundo ao seu redor. No contexto do mar, essa transformação se manifesta na construção de embarcações e na prática da pesca, atividades essenciais para a vida costeira" (Prandi, 2001, p. 78).

A conexão entre Ogum e o mar pode ser entendida de várias maneiras. Em primeiro lugar, o mar é um ambiente de trabalho para muitas pessoas, especialmente pescadores e marinheiros, que

dependem de suas habilidades e ferramentas para seu sustento. Ogum, como orixá do ferro e da tecnologia, é visto como um protetor desses trabalhadores, oferecendo força e resistência necessárias para enfrentar os desafios do mar. O uso de ferramentas de ferro, como os anzóis e as redes de pesca, é um reflexo direto da influência de Ogum na vida marítima.

Além disso, o mar é um espaço de vitalidade e renovação, características que também são associadas a Ogum. Prandi(2001) descreve como Ogum é uma divindade que não apenas protege, mas também inspira e fortalece os trabalhadores em suas atividades. "A presença de Ogum no mar simboliza a força e a capacidade de renovação que são fundamentais para a vida no ambiente marítimo. O orixá encarna a energia necessária para transformar desafios em oportunidades e para garantir a sobrevivência em um ambiente tão exigente" (Prandi, 2001, p. 82). O mar, em sua vastidão e força, representa um campo de constante movimento e mudança, em que Ogum atua como uma força de adaptação e transformação.

Dessa forma, O mar, com sua grandiosidade e carregado de símbolos e signos representa a distância e os desafios enfrentados pelas periferias, enquanto Ogum, como orixá da força e do trabalho, simboliza a resiliência e a capacidade de transformação dessas comunidades. Assim, a periferia, em sua complexidade e dinamismo, torna-se um espaço em que a marginalização e a vitalidade coexistem, revelando sua riqueza urbana, geográfica, cultural e social.

Ogum e a linha férrea: uma conexão simbólica

*“Eu sincretizado na fé
Sou carregado de axé
E protegido por um cavaleiro nobre...”*

É possível pensarmos nas expressões culturais e religiosas, como as práticas em honra a Ogum, servindo como formas de (re)existência e afirmação de identidade em contextos adversos. As ferrovias, com suas linhas de ferro que atravessam e dividem comunidades, podem ser vistas como um símbolo dos caminhos abertos por Ogum, refletindo tanto a construção material das estradas

quanto a luta espiritual e cultural dos trabalhadores. Este simbolismo ganha ainda mais relevância quando consideramos o sincretismo religioso no Rio de Janeiro, particularmente a relação entre Ogum e São Jorge, e como essa conexão ressoa na vida dos trabalhadores urbanos.

São Jorge, como santo católico, é amplamente sincretizado com Ogum nas tradições afro-brasileiras. Ambos compartilham atributos de proteção e força, e suas festas são momentos de grande importância para os trabalhadores. O feriado de São Jorge, celebrado em 23 de abril, é um marco significativo, não apenas por sua relevância religiosa, mas também por sua importância como símbolo de luta e perseverança para a classe trabalhadora. A figura de São Jorge, assim como a de Ogum, é vista como um protetor e um guia para aqueles que enfrentam adversidades em seu cotidiano.

No Rio de Janeiro, o feriado de São Jorge é celebrado com grande fervor, especialmente entre os trabalhadores que veem o santo como uma figura de resistência e força. As festividades incluem missas, procissões e celebrações que reforçam a devoção dos trabalhadores e a importância do santo em suas vidas. Para muitos, este dia é uma oportunidade para expressar gratidão e pedir proteção para enfrentar os desafios diários do trabalho. A presença de São Jorge nas celebrações, muitas vezes acompanhada por referências a Ogum, cria um espaço de afirmação cultural e espiritual.

A relação entre a alvorada e o trabalho é também um aspecto importante dessa devoção. A alvorada, o momento em que o dia começa a clarear, simboliza o início das atividades diárias para muitos trabalhadores que saem cedo de casa para enfrentar uma nova jornada. Para esses trabalhadores, o ato de começar o dia com uma oração ou uma oferenda a São Jorge/Ogum é uma forma de buscar força e proteção. A prática de iniciar o dia com devoção, muitas vezes em comunhão com a comunidade, é um reflexo da conexão entre o trabalho diário e a espiritualidade. Essa prática ritual não só oferece um sentimento de segurança espiritual, mas também serve como um marcador cultural que une os trabalhadores em torno de uma identidade compartilhada.

A experiência do trabalhador afro-diaspórico no Rio de Janeiro é profundamente moldada por essa intersecção entre a religiosidade e a vida cotidiana. Para muitos, a devoção a Ogum e São Jorge é uma parte integral da identidade cultural e da experiência diária. A fé e as práticas religiosas oferecem uma forma de resistência e afirmação, proporcionando um senso de continuidade e pertencimento mesmo em contextos de adversidade. Esta espiritualidade é frequentemente manifestada em rituais que não apenas celebram a força e a proteção de Ogum e São Jorge, mas também destacam a luta contínua dos trabalhadores afro-diaspóricos por dignidade e reconhecimento.

Portanto, o sincretismo entre Ogum e São Jorge, refletido nas celebrações do feriado e na prática diária, representa um elemento crucial da vida dos trabalhadores do Rio de Janeiro. A conexão entre esses dois orixás e santos não apenas simboliza a força e a proteção em um contexto religioso, mas também se entrelaça com a experiência cotidiana dos trabalhadores, oferecendo uma forma de afirmar identidade, buscar proteção e celebrar a resistência cultural e espiritual no enfrentamento dos desafios diários.

(Re)existências culturais: a utopia da alegria como forma de vida

*“São Jorge sentou praça na cavalaria
Eu estou feliz porque eu também sou da sua companhia”*

A dança e a música associadas a Ogum representam formas de existências e resistências culturais. As celebrações dedicadas a Ogum oferecem uma maneira de expressar a luta frente às adversidades. Essas práticas não apenas preservam a identidade cultural afro-diaspórica, mas também fornecem um meio de afirmar a dignidade em um sistema opressor.

Muniz Sodré, em *O Terreiro e a Cidade* (2002), investiga a intersecção entre os espaços religiosos e a vida urbana, destacando como os terreiros de candomblé funcionam como pontos de resistência e reinvenção cultural dentro das cidades brasileiras. Para Sodré, os terreiros são mais do que

simples locais de culto; são centros vibrantes de (re)existência cultural onde práticas religiosas e culturais se entrelaçam com a vida cotidiana, criando uma utopia da alegria que transcende as limitações do espaço urbano e da marginalização social.

Pensar as alegrias como manifestações da vida é fundamental para entender como as práticas culturais e religiosas podem servir como formas de vida que promovem a coesão social e a resistência. Nos terreiros de candomblé, a celebração e a alegria são elementos centrais que oferecem uma alternativa à opressão e à marginalização. Essas celebrações, que incluem rituais, danças e músicas, não apenas expressam a espiritualidade e a identidade cultural, mas também funcionam como formas de subversão e afirmação em um contexto urbano frequentemente marcado por desigualdades e desafios.

O artista Breno Loeser, que se auto descreve como: “artista, sergipano, macumbeiro e feliz”, realizou em 2022 a seguinte arte:



A arte, chamada “Brasil de Ogum” tem por objetivo (re)criar as cores e os elementos da bandeira do Brasil a partir de uma proposta “Oguncentrada” em que as proteções, e as alegrias possam ser evidenciadas propondo uma outra narrativa sobre o símbolo nacionalista.

Assim, pensar a utopia da alegria é como uma forma de vida e existência dentro das comunidades urbanas. Os terreiros de candomblé representam espaços onde a espiritualidade e a celebração se encontram, criando uma forma de (re)existência cultural que desafia a marginalização e promove uma vida vibrante e coesa. Portanto, as alegrias não apenas oferecem uma alternativa às condições adversas, mas também atuam como uma forma poderosa de afirmar e preservar a identidade cultural, construindo comunidades afro-diaspóricas brasileiras potentes e criativas nas cidades.

Considerações finais

A relação entre a linha férrea e os trabalhadores afro-diaspóricos sob o urbanismo desigual revela um entrelaçamento complexo de infraestrutura, trabalho e identidade cultural. Ogum, como orixá das estradas e das batalhas, simboliza a luta pela justiça e a resiliência frente às adversidades. As práticas culturais e religiosas associadas a Ogum, incluindo dança e música, são formas de resistência que ajudam a afirmar a dignidade e a identidade dos trabalhadores afro-diaspóricos. Reconhecer essa conexão é essencial para entender as dinâmicas de poder e resistência em contextos de desigualdade urbana, destacando a importância de considerar as dimensões culturais na análise das relações entre espaço, trabalho e identidade.

Referências:

ANJOS, RAFAEL S. A. **ÁfricaBrasil. Atlas geográfico**. Brasília:Mapas Editora e Consultoria Ltda. 2014.

ANJOS, A.S.R.**Cartografia da Diáspora África – Brasil** . Revista da ANPEGE, v. 7, n. 1,

número especial, p. 261-274, out. 2011.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. – 1 Ed. – São Paulo: Contexto, 2014.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

BARBOSA, Jorge Luiz. A favela na cena da cultura urbana do Rio de Janeiro. **Espaço e Cultura**. n. 36, p.217-234, 2015.

BARBOSA, Jorge Luiz; SILVA, Jailson. As favelas como territórios de reinvenção da cidade. **Cadernos do Desenvolvimento Fluminense**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 115–126, 2013.

D'ANDREA, TIARAJU. *CONTRIBUIÇÕES PARA A DEFINIÇÃO DOS CONCEITOS PERIFERIA E SUJEITAS E SUJEITOS PERIFÉRICOS*. 2020

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. São Paulo: Ed. 34. 201

GLISSANT, Édouard **Introduction à Une Poétique Du Divers**, Paris, Editions, Gallimand, 1996, p.15

GLISSANT, Édouard. **Le discours antillais**. Paris: Seuil, 1981

GUIMARÃES, Geny Ferreira. **Geografia Antirracista: métodos, metodologias e epistemologias**.

Anais XXXII ALAS. Lima, Peru, 2019

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

LOPES, Nei & MACEDO, José Rivair. Dicionário de história da África: séculos VII a XVI. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, M. et al. (orgs.) **Território: Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Hucitec e ANPUR, 1994.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, Jailson de Souza; BARBOSA, Jorge Luiz; SIMÃO, Mário Pires. **A favela reinventa a cidade**. Mórula Editorial, 2020.

SIMAS, Luiz Antonio. O corpo encantado das ruas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SODRE, Muniz. O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira. Salvador: Imago, 2002

VERGER, Pierre. Notas sobre o culto aos orixás e voduns. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; 2012.